

# UM ESTUDO COMPARATISTA ENTRE HÉLIO SEREJO E UMBERTO PUIGGARI

Bruno Galassi Ferreira <sup>1</sup>

Susylene Dias de Araujo <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Letras da UEMS, Unidade Universitária de Jardim; E-mail: brunogalassif@hotmail.com, bolsista UEMS.

<sup>2</sup> Professora do curso de Letras da UEMS, Unidade Universitária de Jardim; E-mail: susylene@uems.br.

**Área Temática:** Literatura Comparada (80210007)

## Resumo

Este artigo propõe uma análise comparada dos textos “Sismório, o gringo bochinheiro e bandido” (1991) de Hélio Serejo e “O Sismório”, presente no livro *Nas fronteiras de Matto Grosso: terra abandonada* (1933) de Umberto Puiggari, com o fito de evidenciar escolhas e representações na obra de ambos os autores. Inicialmente nossa proposta era evidenciar apenas as representações da violência na obra de ambos os escritores, contudo, percebemos que havia vários outros elementos passíveis de comparação, como a trajetória dos escritores e procedimentos narrativos utilizados nos textos. Dessa forma, além da busca inicial pela temática da violência em si, trabalhamos a imagem que os narradores criam de suas narrativas e de seus narratários, analisando a criação das personagens, que são representadas como agentes ou vítimas da violência que perdurou no Estado de Mato Grosso durante a primeira metade do Século XX. Portanto, não perdemos de vista aspectos sócio-históricos igualmente importantes para a compreensão dos textos analisados e fizemos reflexões concernentes à relação estabelecida entre os textos de Umberto Puiggari e Hélio Serejo que em diferentes épocas retrataram a violenta trajetória do lendário bandido Franck Six Moritz, mais conhecido como Sismório, que representa o banditismo presente na história do Estado de Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Literatura de Mato Grosso. Literatura comparada. Violência.

## INTRODUÇÃO

Durante a primeira metade do Século XX, vieram migrantes para o sul do antigo Estado de Mato Grosso a fim de enriquecer nos ervais. Esse grande fluxo migratório entre fronteiras foi um dos principais motivos do vigoroso processo de violência na região, marcada por conflitos políticos e econômicos e ainda por um banditismo que se tornou prática cotidiana.

Nessas circunstâncias, surgiram pessoas que se destacaram em função de atos criminosos, como o famoso bandoleiro Silvino Jacques, a valente Maria Aparecida Belmonte,

apelidada de Capitoa e o bandido Franck Six Moritz, mais conhecido como Sismório. Seus atos de violência ficaram tão conhecidos na região, que Sismório se tornou uma lenda, servindo como referência para os textos de dois escritores do sul do antigo Estado de Mato Grosso, Umberto Puiggari e Hélio Serejo.

Umberto Puiggari retrata a personagem no texto “O Sismório” (1933), no qual descreve os assassinatos cometidos pelo protagonista em terras mato-grossenses. Seis décadas depois, Hélio Serejo reconstrói a trajetória do bandido valendo-se de uma leitura do texto de Puiggari e de depoimentos de pessoas que viveram na época, escrevendo o livro *Sismório, o gringo bochinheiro e bandido*, publicado em 1991.

A partir dessas observações, nota-se que compreender a representação da violência presente nos textos desses importantes escritores da fronteira Brasil-Paraguai será um passo a mais na descoberta da literatura fronteiriça do sul do antigo Estado de Mato Grosso, e consequentemente do atual Mato Grosso do Sul.

## **METODOLOGIA**

A metodologia empregada tem como base a pesquisa bibliográfica. Nesta perspectiva fizemos um percurso entre obras teóricas sobre literatura comparada e discutimos questões relativas à violência, a partir das reflexões de Hanna Arendt (1985), que a definiu como um instrumento capaz de multiplicar o vigor natural, até que no último estágio o poder possa substituí-lo. Além disso, selecionamos a obra historiográfica de Valmir Corrêa (2006), que analisa o fenômeno da violência em Mato Grosso durante o final do Século XIX e início do Século XX, o que é fundamental para compreender a temática escolhida e a forma pela qual como os textos analisados a representam.

## **DISCUSSÃO: O LENDÁRIO BANDIDO SISMÓRIO**

Nessa parte do texto, analisaremos “O Sismório” (1933) de Umberto Puiggari e “Sismório, o gringo bochinheiro e bandido” (1991) de Hélio Serejo, que descrevem a trajetória do lendário bandido Franck Six Moritz, que representa de maneira muito clara o banditismo existente em Mato Grosso durante a primeira metade do Século XX.

No texto de Puiggari, ficamos cientes apenas dos crimes cometidos por Sismório na fronteira Brasil-Paraguai; há um trecho em que o narrador da obra de Puiggari justifica a mudança da personagem para Ponta Porã como uma tentativa de enriquecimento. Talvez isso se deva ao recorte feito pelo autor que desejou narrar fatos ocorridos apenas nas fronteiras de

Mato Grosso, ignorando as ações praticadas por Franck na Argentina. Serejo, por sua vez, aproveita esse material e descreve alguns crimes cometidos pelo protagonista no período em que foi tenente de polícia na Argentina e que esses crimes motivaram a mudança de Sismório.

O narrador da obra de Serejo descreve que na Argentina Franck obrigou um rapaz pacífico a servir na sua polícia, cuja “[...] ordem superior era matar; portanto, nada melhor e mais acertado do que incorporar ao contingente policial um atirador que não perdia tiro” (SEREJO, 2008, p. 126). Nesse trecho, o narrador compreende que a violência é um instrumento de coerção utilizado para multiplicação do vigor natural, como o definiu Arendt (1985).

Os policiais enfrentam um bando de facínoras e o rapaz erra vários tiros, deixando-os escapar até que “[...] morreu, com três tiros no peito, o moço rápido no gatilho, que havia dito que não matava cristão igual a ele feito a imagem e semelhança de Deus” (SEREJO, 2008, p. 126). Segundo Arendt, a autoridade se caracteriza pelo “[...] reconhecimento sem discussões por aqueles que são solicitados a obedecer, nem a coerção e nem a persuasão são necessárias” (1985, pp. 24-25). O rapaz se recusa a matar em nome de seus valores cristãos, porém o tenente Franck não entende a recusa. Por conseguinte, a autoridade religiosa foi superior a do cargo policial, o que enfurece o tenente, uma vez que “[...] o maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo [...]” (ARENDR, 1985, p. 25).

O rapaz atirador é encontrado morto e a população acredita que isso foi causado pelo tenente Franck, que passa a ser severamente ameaçado. Ele resolve fugir para o sul de Mato Grosso, “[...] onde, com o escoar do tempo, comprovou-se que era um tipo de má índole, um desordeiro e um criminoso cruel” (SEREJO, 2008, p. 127) Essa situação de fuga entre fronteiras se explica porque

[...] a incapacidade de manter o controle sobre a extensa região sul do estado foi sempre minimizada pelas autoridades estaduais que, por sua vez, procuraram justificar a inexpressão dos meios de repressão do governo estadual ao banditismo, reclamando da falta de verbas e de armamentos, falta de efetivo policial, dificuldades de locomoção e de maior colaboração dos estados (ou países) vizinhos que se omitiam na repressão ao banditismo fronteiriço. (CORRÊA, 2006, p. 189)

Logo depois, Franck vai para Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia que se localiza na fronteira com o Brasil, na qual “a polícia, homens sem farda, [...] se preparou para uma emboscada, pois Franck Six Moritz era um homem perigoso e ligeiro no gatilho” (SEREJO,

2008, p. 128). Por conseguinte, Sismório possui o poder que “[...] brota do cano de uma arma” (ARENDDT, 1985, p. 7), atingindo seus objetivos com esse poder.

Então, a polícia realiza uma tocaia, mas o gringo consegue matar três policiais, deixando dois vivos para sepultar os corpos. Depois disso,

Transformava-se, assim, Franck Six Moritz, em criminoso dentro do território paraguaio. [...] Não podia ficar mais por aquelas bandas, pois a vingança viria na certa. Três mortos representavam muitos parentes sofrendo e chorando. Bandeou a fronteira sem perda de tempo. Talvez que no Brasil firmasse pé. (SEREJO, 2008, p. 128)

Valmir Corrêa (2006) afirma que a violência no sul do antigo estado de Mato Grosso durante o início do Século XX era tão comum, que “[...] desenvolveu-se em Mato Grosso um banditismo sem precedentes na história brasileira” (p. 37) O historiador aponta como um dos motivos para esse processo de violência a movimentação de bandidos entre as fronteiras como forma de escapar das condenações judiciais ou até mesmo de vinganças pessoais, como ocorre no caso da personagem.

Um detalhe importante é que Umberto Puiggari se limita a descrever somente os assassinatos cometidos pelo protagonista, ao passo que Serejo narra também outros tipos de crimes cometidos pela personagem, como a destruição e posterior apropriação de uma propriedade:

Não encontrou ninguém. O fogo da cozinha estava apagado. As galinhas fechadas no galinheiro. Os porcos com ração para vários dias. Não podia perder a longa viagem de quinze léguas. Matou tudo quanto pôde: os porcos do chiqueiro, a galinhada, ovelhas, vacas de leite, dois cavalos e quatro carros de boi. Mas o *demônio* ainda não estava satisfeito. Sua ira era *satânica*: meteu fogo em todas as benfeitorias. Voltou para casa satisfeito. (SEREJO, 2008, p. 138, grifos nossos)

Apesar dessa diferença, certos fatos narrados coincidem, como por exemplo, o assassinato de Frutuoso, vizinho de Sismório. O narrador do texto de Puiggari afirma sucintamente que Frutuoso morava com um menino de oito anos e que Sismório pediu ao garoto para lhe fazer um favor. O menino não cumpre o pedido corretamente e apanha de Sismório, mas Frutuoso o defende. O gringo se irrita e mata Frutuoso com um revólver 44, porém não sabemos nada do destino do menino. Já o narrador do texto de Serejo nos dá o nome completo da vítima: Frutuoso Ferreira Gonçalves, descrevendo sua propriedade e afirmando que seu filho adotivo era conhecido por Toquinho por possuir baixa estatura. Além

disso, o narrador descreve que Toquinho conseguiu fugir e contou tudo a um vizinho, que alertou as autoridades em Ponta Porã.

Antônio Candido (1968) em seus comentários sobre a personagem de ficção, afirma que na vida estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade a sua sucessão de modos-de-ser, enquanto na ficção o escritor estabelece algo mais coeso e menos variável, que é a lógica da personagem. Dessa forma, a personagem é mais lógica, embora não mais simples do que o ser vivo.

O narrador do texto de Hélio Serejo afirma que Sismório apresentava esse comportamento homicida, porque “[...] tinha Lúcifer no corpo” (2008, p. 137). Sendo assim, Hélio Serejo retrata a opinião da maioria das pessoas da época, que procuravam dar uma explicação sobrenatural ao comportamento assassino de Sismório, referindo-se ao protagonista constantemente dessa maneira: “O diabólico Sismório deu esconderijo ao assassino [...]” (p. 129). “Teve logo aquela idéia satânica: dar sumiço [...] no achador do enterro” (p. 150). “Quando Sismório fez ao comissário o convite para a ceia já possuía o plano satânico cuidadosamente preparado” (p. 158). No fim da narrativa, ao matar Sismório, a personagem Reginaldo Loureiro diz: “– Não precisa de cruz... os monstros não são filhos de Deus!” (p. 160)

O narrador da obra de Umberto Puiggari, por sua vez, não utiliza essa explicação, porque aparentemente o comportamento de Sismório é explicado por uma espécie de índole ou instinto assassino: “Tratava-se de um homem irascível [...]” (PUIGGARI, 1933, p. 9) “A mocinha teve a infelicidade de despertar a bestialidade do truculento tutor [...]” (p. 13), “Nem um pequeno escrupulo despertou a consciencia do scelerado.” (p. 14), “Em sua nova morada, não diminui o instinto sanguinario do bandido.” (p. 17) “O instinto de besta fêra, que o dominava, estorvou-lhe os bons propósitos.” (p. 20) No fim da narrativa, antes de matar Sismório, a personagem Reginaldo Loureiro faz a seguinte pergunta aos seus companheiros de escolta como argumento final para se livrar do gringo: “Não é bom tirar o couro da fêra, antes que ella se escape?” (p. 24) Desse modo, a explicação que os narradores dão aos crimes de Sismório constitui-se na lógica dessa personagem, que varia nos textos analisados.

Por fim, podemos dizer que o texto de Hélio Serejo resulta de uma espécie de ampliação do texto de Umberto Puiggari, porque segundo Kristeva (apud Carvalhal, 1998) o processo de escrita é resultante também do processo de leitura de um *corpus* literário anterior. Dessa forma, o texto de Hélio Serejo é absorção do texto de Puiggari, realizada com o intuito de recuperar a época retratada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, percebemos que a narração dos crimes do lendário bandido Franck Six Moritz realizada por dois escritores em diferentes épocas é um importante retrato da violência e da impunidade reinante durante a primeira metade do Século XX no antigo Estado de Mato Grosso, em especial na sua porção sul.

Além disso, observamos que se estabelecem parâmetros intertextuais entre as obras de Umberto Puiggari e Hélio Serejo pelo fato de resultarem de um trabalho de compilação de narrativas orais, que afirmam o caráter popular e a importância cultural desses textos, codificando as ansiedades do povo do sul do antigo Estado de Mato Grosso.

Portanto, o estudo dessas narrativas pode levar a uma maior compreensão de uma literatura surgida da dura realidade de um povo abandonado pelo governo, sofrendo as duras sequelas da violência.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Susylene Dias de Araujo por orientar esse projeto de pesquisa e à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul na concessão da bolsa de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Tradução de Maria Claudia Drummond Trindade, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985, c1970.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CORRÊA, Valmir Batista. **Coronéis e bandidos em Mato Grosso: (1889-1943)** – 2ª ed. rev. e atual. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2006.

PUIGGARI, Umberto. **Nas fronteiras de Matto Grosso** – terra abandonada. São Paulo: Casa Mayença, 1933.

ROSA, Maria da Glória Sá Rosa; NOGUEIRA, Albana Xavier. **A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores**, Campo Grande-MS, Life Editora, 2011.

SEREJO, Hélio. **Obras completas**: volume VIII. [Sistematização] Hidelbrando Campestrini, Campo Grande-MS, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Poética da prosa**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.